

**Os Mitos de Origem: Considerações sobre a Constituição Narcísica do Casal<sup>1</sup>**  
**The Myths of Origin: Considerations on the Couple Narcissistic's Constitution**

Helena Luísa Coltro Grinblat<sup>2</sup>



---

<sup>1</sup> Porto Alegre, novembro de 2004

<sup>2</sup> Psicóloga, Psicanalista Vincular, Membro Efetivo do CIPT.

## RETRATO DE FAMÍLIA

*Este retrato de família  
Está um tanto empoeirado.  
Já não se vê no rosto do pai  
Quanto dinheiro ele guardou*

*Nas mãos dos tios não se percebem  
As viagens que ambos fizeram.  
A avó ficou lisa, amarela,  
Sem memórias da monarquia.*

*Os meninos, como estão mudados.  
O rosto de Pedro é tranqüilo,  
Usou os melhores sonhos.  
E João não é mais mentiroso.*

*O jardim tornou-se fantástico.  
As flores são placas cinzentas.  
E a areia, sob pés extintos,  
É um oceano de névoa.*

*No semicírculo das cadeiras  
Nota-se certo movimento.  
As crianças trocam de lugar,  
Mas sem barulho: é um retrato.*

*Vinte anos é um grande tempo*

*Modela qualquer imagem.  
Se uma figura vai murchando,  
Outra, sorrindo, se propõe.*

*Esses estranhos assentados,  
Meus parentes ? Não acredito.  
São visitas se divertindo  
Numa sala que se abre pouco.*

*Ficaram traços da família  
Perdidos no jeito dos corpos  
Bastante para sugerir  
Que um corpo é cheio de surpresas.*

*A moldura deste retrato  
Em vão prende suas personagens.  
Estão ali voluntariamente,  
Saberiam-se preciso- voar.*

*Poderiam sutilar-se  
No claro-escuro do salão,  
Ir morar no fundo dos móveis  
Ou no bolso dos velhos coletes.*

*A casa tem muitas gavetas  
E papéis, escadas compridas.  
Quem sabe a malícia das coisas,  
Quando a matéria se aborrece?*

*O retrato não me responde,  
Ele me fita e me contempla*

*Nos meus olhos empoeirados.  
E no cristal se multiplicam.  
Os parentes mortos e vivos.  
Já não distingo os que se foram  
Dos que restaram. Percebo apenas  
A estranha idéia de família*

*Viajando através da carne.*

*Carlos Drummond de Andrade*

**Resumo:** Este estudo objetiva a compreensão da configuração vincular do casal, levando em consideração a plataforma inconsciente como o organizador da relação em suas diferentes modalidades de intercâmbio, com ênfase nas questões da origem, do ideal e narcisismo. Também, a propósito da clínica, revisa os conceitos de pacto de obrigação, relativo e radical, além de discutir a aplicabilidade destes conceitos.

**Summary:** This study objective the understanding of the configuration to tie of the couple, leading in consideration the unconscious platform as the organizer of the relation in its different modalities of interchange, with emphasis in the questions of the origin, of the ideal and narcissism. Also, by the way of the clinic, it revises the concepts of pact of obligation, relative and radical, beyond arguing the applicability of these concepts

**Descritores:** negativo radical, de obrigação e relativo, triplo registro, bidirecionalidade e trama interfantasmática.

**Keywords:** radical's negative, radical's relative, radical's obligation, triple register, bidirectionality and interfantasmatic tram.

Consideramos de grande importância, no atendimento de um casal, a compreensão da estrutura que o regula, os pactos e acordos, ou seja, a plataforma inconsciente. É ela que determina a forma de ser do casal, é a organizadora da relação nas diversas formas de intercâmbio ou trocas: emocionais, sexuais, econômicas e de palavras. Durante a evolução deste caso pudemos perceber modificações na estrutura inconsciente do casal, ocasionando-lhe sintomas. Sintomas ligados a questões do ideal do casal, a dificuldades de lidar com as diferenças, e à negativização da angústia frente à ferida narcísica surgida da distância entre a realidade consciente e este ideal inconsciente. Trata-se de um casal com um funcionamento neurótico, com capacidade para simbolização e onde existe lugar para o terapeuta neste espaço vincular.

Com o propósito de situar este estudo vincular dentro de um contexto teórico-clínico, abordaremos aqui alguns conceitos fundamentais que de grande importância para sua compreensão. Primeiramente o pensamento de Puget e Berenstein sobre o significado de casal matrimonial. A importância do triplo registro para a compreensão do funcionamento vincular, incluindo abordagens de outros autores de igual relevância. A seguir, incluiremos questões relativas ao narcisismo do vínculo, por considerarmos esta compreensão de grande importância para o processo terapêutico. Com este mesmo objetivo, na sequência, comentaremos a respeito dos mitos e o problema do negativo no casal. Estes temas foram selecionados por se constituírem como sustentáculo inconsciente deste casal em estudo, muitas vezes ocasionando-lhes conflitos

## **O casal matrimonial**

Segundo Janine Puget e Berenstein em “Psicanálise do Casal”, 1993:

*“O termo casal (matrimonial) designa uma estrutura vincular entre duas pessoas de sexos diferentes, a partir de um momento dado, quando estabelecem o compromisso de fazer parte dela em toda a sua amplitude, possam cumpri-lo ou não...”*

O casal possui elementos definitórios que são cotidianidade, projeto vital compartilhado, relações sexuais e tendência monogâmica. Estes elementos permitem referir-se a ele como uma unidade ou estrutura estável. Na estrutura vincular matrimonial, podemos distinguir dois tipos de representações: do espaço do macrocontexto social e do complexo do Édipo. O vínculo matrimonial, quanto à sua representação sociocultural possui especificações referentes a prescrições e proibições provenientes da própria ordem social. Assim, a denominação do lugar de esposo e de esposa, em um vínculo matrimonial, abrange todos os esposos e todas as esposas. Em conjunção com a representação social, a orientação proposta pelo desejo inconsciente propõe outras posições. Estabelece, por exemplo, quem e com quem não se incluir os egos na estrutura determinando as escolhas do objeto.

## **O triplo registro**

Estas escolhas de objeto são reguladas pelo “*triplo registro*”, referidos por Berenstein e Janine Puget em “Lo Vincular”, 1997. Estes autores propõem um modelo do aparato psíquico como produto de espaços psíquicos ou representações mentais que o ego estabelece

com seu próprio corpo, com cada um ou vários outros e com o mundo circundante. A partir deste referencial teórico Miguel A. Spivacow distingue três dimensões em todo acontecimento psíquico:

- dimensão intrasubjetiva
- dimensão intersubjetiva
- dimensão transubjetiva

Segundo este autor a dimensão intrasubjetiva é aquela que se refere aos funcionamentos internos do sujeito: corresponde fundamentalmente aos processos da fantasia, mundo interno ou realidade psíquica, tal como foram descritos por Freud. Neles, o outro tende a ser reduzido à condição do objeto interno e desconhecido em sua alteridade e autonomia. No dizer de Piera Aulagnier: “o desejo é poder” (1977). Os funcionamentos psíquicos nesta dimensão tendem a desconhecer a bidirecionalidade. A dimensão intersubjetiva dirige-se aos funcionamentos que dependem da bidirecionalidade sujeito-outros e que, por isto, surgem, se mantêm, reforçam, evoluem ou desaparecem em virtude desta bidirecionalidade. Esta dimensão considera o psiquismo como um sistema aberto que constitui uma unidade de funcionamento com o outro/os outros do contexto intersubjetivo. A dimensão transubjetiva centra-se na interinfluência de um fato psíquico com os códigos e processos sócio-culturais que, em rigor, formam parte do fato mesmo. Analisa esta zona de continuidade “interioridade-exterioridade social” entre o sujeito e as representações de origem cultural e social em que vive imerso e estão internalizadas.

Todo fato psíquico é tridimensional. Uma dimensão não existe sem a outra. Trata-se de três aspectos de um único fato. E cada um remete a registros do psiquismo que são solidários, embora heterogêneos entre si. Spicacow inclui alguns conceitos básicos para a compreensão da complexidade da perspectiva intersubjetiva: vínculo, bidirecionalidade, trama interfantasmática e acordo inconsciente.

***Vínculo** é a estrutura básica do funcionamento mental: um espaço de interinfluência e determinação psíquica, gerado pelos investimentos recíprocos de dois ou mais sujeitos cujos psiquismos são abertos. Os investimentos devem ser significativos. Se o sujeito e o outro não estão enlaçados por certa satisfação pulsional não transitória, a consistência da relação não chega a constituir um vínculo.*

***Bidirecionalidade** é a característica fundamental do psiquismo no vínculo e na intersubjetividade: a atividade psíquica, consciente e inconsciente está determinada pela interinfluência com o outro. As interpretações bipolares são as que mostram o funcionamento bidirecional: “Quando ele faz isso, talvez sem que ninguém se dê conta, promove esta resposta dela, que por sua vez promove nele..., etc.” A bidirecionalidade relativiza e redefine o meu-teu, o externo-interno, o motivacional, o afetivo, o cognitivo. Para poder-se entender os significados que adquirem as condutas de um para o outro, deve se levar em conta a bidirecionalidade.*

***Trama interfantasmática** – toma como modelo de psiquismo um sistema aberto com processos em continuidade com o outro. Este conceito de trama interfantasmática modifica as concepções reducionistas de fantasia e fantasma centradas no intrasubjetivo e cuja origem está na pulsão. Diz o autor que “a articulação descontinuidade e coalescência do dois mundos fantasmáticos, constitui uma única trama interfantasmática. Os principais funcionamentos na trama interfantasmáticas são: ativação, desativação de conteúdos inconscientes, convergência, divergência, sinergia, antagonismo, reciprocidade, formação de fantasias. Este conceito ajuda a entender melhor os funcionamentos psíquicos do casal.*

*O conceito de trama interfantasmática é paralelo ao de bidirecionalidade. As induções e interinfluências fantasmáticas entre os pólos são sempre bilaterais.*

*Acordos inconscientes são os funcionamentos de repetição específicos da estrutura vincular, pautas não explícitas que estipulam os intercâmbios e as participações de ambos sujeitos.*

*A perspectiva intersubjetiva implica a modificação de muitos conceitos da teoria psicanalítica. A partir dela, o que Freud chamava de aparelho psíquico não pode ser considerado como uma estrutura isolada ou auto-suficiente, tanto do ponto de vista do funcionamento mental, como do ponto de vista da abordagem terapêutica.*

## **A questão do narcisismo na estrutura vincular do casal**

Segundo Piera Aulagnier em “Corpo e História” (IV Encontro Psicanalítico D’ Aix – Em Provence - 1985):

*“Todo indivíduo deve conjugar a sua realidade psíquica, durante a vida, com o desejo primitivo de retorno ao estado de fusão com a mãe-universo: em outras palavras, com o desejo de não desejo. A luta contra esse desejo e o luto que ela impõe são compensados, todos nós sabemos, pela aquisição da identidade subjetiva. O que permite supor que o sujeito pode investir, libidinal e narcisicamente, as feridas fundamentais e inevitáveis que são a separação e a diferença.”*

No entanto, nem todos conseguem vivenciar a diferença e a separação como situações que podem dar sentido e enriquecimento à vida. Ao contrário, elas podem ser temidas como realidades que diminuem ou tiram do indivíduo aquilo que lhe parece vital para sobreviver. A luta contra a divisão primordial pode dar lugar ao estabelecimento de vínculos do tipo narcisista. Podemos pensar a questão do narcisismo do ponto de vista vincular, sobre duas vertentes, como nos explica Silvia Gomel em “Família e Inconsciente”, 1991:

*vertente erótica e vertente tanática.*

A vertente erótica constitui o narcisismo de vida. Este investimento narcisista que a família proporciona a seus membros tem a função de amparo, ligada ao desenvolvimento do ser humano. A vertente tanática constitui o narcisismo de morte, implica um desejo de não desejo. Em uma família, quando a função paterna aparece falida e as relações consanguínea e avuncular (representante da família materna), assim como a do pai com sua própria família de origem- dominam a cena, observa-se um funcionamento predominante do nível imaginário especular como intenção de descomplexizar a trama vincular. São vínculos com estrutura de ego-ideal. Não há lugar para o novo, tampouco para o diferente. O narcisismo de morte opera como investimento endogâmico. Juntam-se, assim, uma tensão conflitiva entre este investimento e os vínculos da ordem cultural, tensão esta nunca resolvida e que deve ser sempre administrada. Os vínculos narcisistas anulam a distância entre o eu e o outro, entre quem sou e quem desejo ser. E onde está estabelecido o desejo de retorno a um mítico estado de fusão eu-outro, promovendo ilusões de completude. Os vínculos narcisistas são idealizantes, encubridores da verdade inconsciente subjetiva e familiar. Ao falarmos de ego ideal, estamos nos referindo a uma imagem de perfeição narcisista resultante da antecipação

dos ideais parentais, que estabelecem um lugar virtual prévio à chegada efetiva do filho e que funciona como elemento estruturante para todo indivíduo.

Bleichmar, em “Psicanálise depois de Freud”- 1992, destaca a importância das contribuições de Lacan para a Psicanálise no que diz respeito às questões relativas ao narcisismo e à identificação primordial. Lacan pensa que o ser humano tem uma representação fantasmática do corpo, na qual ele aparece fragmentado (despedaçado). A imagem do corpo fragmentada continua a se expressar durante a vida adulta nos sonhos, nos delírios e nos processos alucinatorios. Lacan denomina de estágio do espelho em que a criança faz a conquista da imagem de seu próprio corpo, experiência de identificação fundamental.

A identificação primordial da criança com esta imagem irá promover a estruturação do “eu”, terminando com essa vivência psíquica singular que Lacan designa como “fantasma do corpo despedaçado”. A imagem de seu próprio corpo, refletida no espelho, surpreende a criança, pois se vê esculpido em uma *gestalt* que nada mais é do que uma imagem antecipatória da coordenação e integridade que não possui naquele momento. Nesta identificação com uma imago que não é mais do que a promessa daquilo que virá a ser, há um equívoco: o indivíduo se identifica com algo que não é. Na verdade, acredita ser o que o espelho ou, o que o olhar da mãe lhe reflete. Identifica-se com um fantasma, com um imaginário. Desde muito cedo, o homem fica preso a uma ilusão da qual procurará se aproximar pelo resto de sua vida. Ser um herói, um gênio, etc... não são mais do que um processo imaginário. Somente pelo fato de viver com outros homens, os seres humanos ficam presos em um jogo de identificações que os impelem a repetir aquela relação com a imago antecipatória. Quando uma mulher diz a seu filho: “és a criança mais linda do mundo”, o está introduzindo nesta dialética, da qual a criança, futuro adulto, jamais poderá escapar. E este momento de narcisização é imprescindível para a estrutura psíquica do sujeito e conseqüente aquisição de uma auto-estima favorável. É através deste registro que poderá ingressar no registro simbólico. Entretanto, a introdução do registro simbólico, através da problemática edípica, atenuará ou modificará estas imagens especulares mas nunca conseguirá acabar com elas.

Para Lacan, o Complexo de Édipo se desenvolve em três momentos, dos quais o estágio do espelho constitui o primeiro. O devir psíquico transcorre desde a identificação narcisista, na ordem imaginária, até a identificação simbólica com a “lei do Pai”, ao concluir o Édipo. Lacan nos fala em Ego Ideal e Ideal do Ego.

*Ego Ideal – é uma imago antecipatória prévia- o que não somos- mas o que queremos ser. Imagem mítica, narcisista, que o homem persegue incessantemente. A estátua, o uniforme, o herói, são significantes com que o ser humano substitui aquela ilusória assimetria primitiva.*

*Ideal do Ego – pelo contrário, surge da inclusão do sujeito no registro simbólico. Por ser impossível se tornar efetivamente este personagem lendário, perfeito poderoso, o indivíduo aceita fazer parte de uma estrutura da qual é perpetuador. Seu papel é transmitir a lei. “O homem entregará a seus filhos o nome (e as normas) que, por seu turno, recebeu de seu pai, que as recebeu de seu próprio genitor, e assim sucessivamente”.*

Portanto, o ingresso na conflitiva edípica, constitui o grande desafio às ilusões narcisistas forjadas no estágio de espelho. Mas estas marcam, de maneira definitiva, o que sucederá no Édipo. Assim, o Ego Ideal e o Ideal do Ego estão em permanente luta e interação. Na perspectiva intersubjetiva, o vínculo de um casal onde predomine o Ego Ideal, há um funcionamento do tipo narcisista, com tendência endogâmica, não havendo lugar para um terceiro, com muitas dificuldades na aceitação do diferente e do alheio. Em “Destino e Mito familiar”, M. do Carmo de <sup>a</sup> Prado (1987) assinala que:

*“Quando os relacionamentos se tornam infiltrados pelo narcisismo, a função e o significado da dependência se pervertem. Qualquer iniciativa para alterar esta situação é vivenciada como um ataque ao vínculo. Os limites entre os indivíduos não são respeitados. O casal trata o outro como exteriorização de seus objetos parciais e não como pessoas inteiras”.*

Por outro lado, quando no vínculo de casal há a predominância de um funcionamento de Ideal do Ego, existe uma tendência exogâmica, havendo lugar para o terceiro num espaço compartilhado, onde aceita-se as diferenças e aquilo que é alheio a outro.

### **Os mitos de origem**

*“O Banquete” de Platão é um elogio ao amor. Cansado dos exageros cometidos nesses banquetes por excesso de bebidas, Pausânias propôs que cada um fizesse um discurso e Erixímaco, um dos participantes, sugeriu então o elogio ao amor como tema. Aristófanes, outro participante, contou um curioso mito relativo à origem do homem e à origem do amor. Diz ele que, na origem, os homens eram dotados de órgãos duplos. Possuindo formas redondas, tinham quatro mãos, quatro pernas, dois órgãos de geração, duas faces e uma só cabeça com quatro orelhas. Havia três sexos distintos, correspondendo a três seres – o masculino, o feminino e o andrógino. O ser masculino era descendente de Hélio (o sol), o feminino de Geia (a terra) e o andrógino de Selene (a lua). A forma esférica de seus corpos correspondia à forma dos astros, seus progenitores, e fazia eles seres extremamente ágeis, além de fortes, robustos e audaciosos. Um dia, tomados por grande presunção, esses seres resolveram escalar os céus e atacar os deuses. Zeus, embora enfurecido com tamanha audácia, não podia eliminá-los pois assim destruiria o gênero humano, privando os deuses de seus cultos. Resolveu então enfraquecê-los, dividindo-os ao meio. Após a bipartição, mandou Apolo virar-lhes os rostos para o lado em que sido feita a incisão. A partir de então cada uma das metades pô-se a procurar a outra. Antes da bipartição, os órgãos de geração se situavam na parte posterior, motivo pelo qual os homens não procriavam entre si, mas sim com a terra. Depois da bipartição, esses órgãos foram colocados na frente e Zeus estabeleceu que a procriação se faria pelo homem na mulher, originada da divisão dos seres andróginos. Os homens e mulheres originados pela bipartição dos seres só masculinos ou só femininos teriam tendências homossexuais. Embora a procriação só possa fazer-se pelo encontro das duas partes do ser andrógino, o amor no entanto se refere ao encontro das partes de qualquer um dos três seres divididos. Conforme o mito, o encontro de uma metade com a outra gera um grande*

*estado de felicidade, mas jamais restitui a condição anterior – a de um ser uno, completo.* “Platão-O Banquete, 6 edição, Bertrand Brasil-RJ-pg 125)

Tomando como referencial ilustrativo “O Banquete” de Platão, podemos pensar as questões vinculares com predomínio de funcionamento de ego ideal como uma relação que se supõe sem fissuras, com uma ilusão narcisista de completude. Assim, no mito de Platão, após os seres terem sido divididos, puseram-se a procurar a sua “outra metade”. Mas, conforme o mito, o encontro de uma metade com a outra gera muita felicidade mas não restitui a condição anterior, de ser uno, completo. Segundo Bleichmar (1981), a noção de incondicionalidade é uma premissa narcisista que supõe possível uma relação sem fissuras, apoiada em mitos e geradora de conflitos e mal entendidos familiares. Elíade (1988) em “Mito Familiar e Fantasia Individual” de M.C. de A. Prado (1999) nos diz:

*“O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento que ocorreu no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos.”*

O mito é sempre o relato de uma criação; nos explica como algo aconteceu, como começou a ser. Implica em uma concepção, que visa, compreender o homem. O mito tem sempre uma função estruturante. Abordam os acontecimentos primordiais após os quais o homem se tornou o que ele é no presente. O mito não é apenas uma maneira de contar uma história mas implica em uma incorporação a ela, tendo um caráter defensivo, pois oferece uma espécie de proteção à existência na medida que promove um triunfo sobre as angústias, particularmente às de morte.

Green (1980) explica o interesse de Freud pelo mito por este estabelecer um encontro com as profundezas do antigo. Assim, o mito, da mesma forma que o inconsciente, testemunharia uma pré-história, uma construção imaginária sobre o que poderiam ter sido as origens de um povo. A perenidade dos mitos, sua atualidade, mostram que eles falam uma língua que está longe de ser morta, já que continua a nos sensibilizar. Assim, o mito não é apenas uma sobrevivência. Ele entra em uma categoria sincrônica, da qual fazem parte o rito, o conto, o folclore, a magia, as criações artísticas- no campo das produções culturais. E, o sonho, a fantasia ou ainda o sintoma- no campo das formações do inconsciente individual e vincular. Desde as seus primórdios, a Psicanálise reconheceu e se utilizou da percepção de que os mitos contém verdades psicológicas expressivas de aspectos universais da psique humana.

Na perspectiva psicanalítica, que identifica na ontogênese uma reedição do processo filogenético do homem, o mito se atualiza e se repete na vida de fantasia e nos sonhos de todos nós. O mito seria, então, uma fantasia compartilhada, um sonho coletivo, uma forma de realização de desejos da humanidade. O mito familiar, segundo Ferreira (1963), se apresenta como um sistema de crenças que diz respeito aos membros da família, seus papéis e suas atribuições em suas trocas recíprocas. Ele se constitui de convicções compartilhadas aceitas de antemão, mesmo que sem base na realidade, como se fosse algo sagrado ou tabu, que ninguém desafiará. Se seus aspectos de falsidade e de ilusão são reconhecidos, tendem a ficar em segredo. Desta forma, o mito familiar serve como mecanismo homeostático e tem como função manter a concordância grupal e fortalecer a manutenção de papéis de cada um.

Conforme Eigner (1987), o mito familiar se define como um relato, uma história implicando um conjunto de crenças compartilhadas por todos os membros de uma família, e que podem estar sendo transmitidas há gerações. A história contada servindo para confirmar as crenças, o relato podendo servir para tornar a história mais agradável, mais substancial ou

mesmo mais creditável. O mito familiar visa resolver contradições que dizem respeito ao vivido, às dificuldades familiares, apresentando-se como um enunciado que ajuda a manter o equilíbrio familiar por compensar as decepções. Ele comporta elementos interpretativos e de racionalizações, porém o fato de corresponder ou não à realidade em nada o altera, por tratar-se sobretudo de uma convicção compartilhada, o que o torna estável e eficaz. Crer em um mito familiar toca em noções familiares essenciais como as certezas da pertença e do amor de uns pelos outros. Recusá-lo é pois recusar a pertença, o amor filial e questionar os vínculos narcísicos.

O pensamento mítico já se manifesta no momento da fundação de um grupo, como a escolha de um parceiro e a constituição de um casal para a fundação do grupo familiar. Ou, para mantê-lo, particularmente quando os conflitos se intensificam. É possível que a escolha do parceiro seja calcada em fantasias. A fantasia de auto-engendramento familiar, defensiva contra as angústias catastróficas de separação-indivuação, em prol de um corpo familiar ideal, numa perspectiva narcísica primária. Segundo Decherf e Caillot (1989), a fantasia de auto-engendramento comporta três aspectos: a concepção de que a família tem um corpo comum, eterno, que não há diferença entre os membros, sendo ele iguais, e que a família é endogâmica.

É no conteúdo dos mitos familiares que as palavras têm força de destino. As histórias contadas em família podem ter a função da negação do sonhar, do fantasiar e do pensar. Viver preso a tal história pode então ser uma maneira de fugir da realidade exterior e também um meio de escapar do funcionamento psíquico interno, no qual está implicado o processo primário. Desta forma, os espaços do sonho e do devaneio perdem suas funções transicionais e a família se transforma num espaço para “agir” o que não pode ser sonhado nem pensado. Quando pode se dar a circulação de fantasias de forma renovada, diminui a atuação. Haverá a possibilidade de elaborar o luto fundamental (com as famílias de origem ou individualmente com a mãe) e em consequência disto ocorrerá melhores condições para que a separação e a individualização se dêem, havendo espaço e acesso ao pensamento realista e à criatividade.

### **O negativo no vínculo do casal**

Segundo Susana Matus e Marina Ravenna de Selvatici em “Psicoanálisis de pareja-Del amor y sus bordes” (Janine Puget-compiladora), 1997:

*“El concepto de lo negativo, a nuestro entender, da cuenta de la imposibilidad del vínculo- consecuencia de la falta estructural del sujeto humano- y al mismo tiempo del espacio de construcción vincular al que dicha falta da origen”.*

O negativo, desta forma permite sustentar este vínculo como uma nova matriz de criação de subjetividade, já que nele se coloca em jogo a falta originária. Assim como o “estar condenado a investir (P. Aulagnier, 1975) para negar esta falta, condição de estrutura para a criação de marcas subjetivas. É a falta primordial o antecedente e a causa da unidade narcisista tanto para a criança como para o casal, e será desde esta unidade que se construirá a diferença entre os sujeitos e a simbolização do vínculo como o espaço terceiro.

Deste modo, a positividade do vínculo, nos seus aspectos imaginários e simbólicos, reconhece sua articulação com uma negatividade, o real do vínculo, isto é, com uma impossibilidade que ao ser negada, promove a possibilidade vincular. Quando esta falta

primordial não é suficientemente bem elaborada, não existe espaço para o terceiro, o diferente, e o funcionamento vincular será predominantemente de ego ideal. René Kaës define três modalidades do negativo. São elas:

*A negatividades de obrigação é* necessárias para que se forme e mantenha o vínculo. Refere-se à renúncia pulsional para que o reconhecimento do outro como diferente sustente o circuito desejante. Esta renúncia à apropriação do outro do vínculo de casal é a resignificação de uma primeira renúncia aos objetos primordiais, renúncias ambas que permitem ao sujeito o reconhecimento da falta primordial tanto na origem da subjetividade como na origem da vincularidade. A clínica de casal mostra as variadas modalidades patológicas de resolução do conflito que a renúncia pulsional implica: por exemplo, aqueles casais em que aparece uma dificuldade para incluir-se em um espaço compartilhado, com a conseqüente aparição de ansiedades claustrofóbicas, pelo qual o encontro com o outro tem o significado de perda da individualidade. Por outro lado, nos casais em que há um excesso de indiferenciação leva a aparição permanente de ansiedades de persa e abandono.

*A negatividade relativa* se constitui sobre a base do que ficou em suspenso na constituição dos conteúdos psíquicos, na formação das operações que os ligam. Na negatividade relativa, a possibilidade se manifesta como perspectiva organizadora de um projeto ou uma origem. A negatividade relativa sustenta o espaço potencial da realidade psíquica. Não é possível retornar ao vínculo de origem, mas todas as separações lançarão o sujeito para o vínculo, para o grupo, para a raiz. Todo agrupamento se estabelecerá a partir de... na tentativa de restabelecer o *ser-juntos* das origens.

A negatividade relativa no vínculo de casal remete aos pactos e acordos fundantes no que constituem o mito de origem do vínculo. Constitui uma nova possibilidade de por em cena aquelas fantasias que sustentam a ilusão de encontro com o outro, a partir da convergência na busca da reedição do mito de origem do sujeito. Entretanto, muitas vezes são os elementos do cotidiano os que funcionam como depósito dos conteúdos negados, que irrompem nos momentos de mudanças. A análise de casal transcorre ao redor da positivação de certos conteúdos relativos ao *zócalo* inconsciente do casal e à descoberta de um resto, de uma irreduzível negatividade que o *ser-juntos* nunca irá preencher. A negatividade relativa no vínculo do casal é aquela potencialidade vincular que aparece pelo “efeito do encontro”. Que segundo P. Aulagnier é o seguinte:

*“A ação do ego se manifesta por sua possibilidade de metabolizar a maior parte das seqüências pictográficas e fantasmáticas em representações relacionais, pelo seu trabalho de sublimação e/ou por sua ação repressora sobre os demais. Por isto, cada vez que sensibiliza estas cicatrizes, se comprova o mesmo efeito em todo sujeito: uma nova distribuição, imediata, entre os fios que tecem o fantasma e os que tecem o pensamento, nos que os primeiros passam a reforçar o movimento de atração ou movimento de fuga, provocados pelo encontro, a recusa ou a espera do objeto.”*

A negatividade relativa implica ligar o não ligado e construir marcas novas.

*Negatividade radical* é a negatividade radical é aquilo que no espaço psíquico tem o estatuto de “o que não é”. É representada como não-vínculo, ausência, o não-ser. Permanecerá refratária a toda ligação. A negação desta negatividade radical é o que permite iniciar a construção do vínculo de casal a partir, por exemplo, do enamoramento. Que poderá ser do

tipo ego ideal, onde predominam formas de funcionamento narcisistas, não mediadas pela castração simbólica, onde não há falta. Este tipo se constitui numa aspiração universal, a tão sonhada completude. O desejo é de encontrar o outro que venha a satisfazer as antigas aspirações infantis. O enamoramento poderá ser do tipo ideal de ego, onde há na vivência fusional, separação e diferença entre os amantes. Há aceitação da alteridade, existe uma distância que separa o casal e o funcionamento narcisista aparece mediado pela castração, podendo evoluir para um vínculo estável.

Estas três negatividades no nível do vínculo podem ser atravessadas pelos três registros de funcionamento mental: *o simbólico, o imaginário e o real*. Conforme Suzana Matus:

*“A negatividade de obrigação mostra no nível do vínculo de casal o modo como a ordem simbólica se põe em jogo a partir da sustentação de uma renúncia pulsional que, como já dissemos, está na passagem da natureza à cultura. A negatividade relativa se relaciona com o aspecto imaginário que sustenta a ilusão de ser-juntos e que constitui o espaço do possível para a ligadura vincular. Finalmente, a negatividade radical bordeia o registro do real do vínculo de casal, remetendo à impossibilidade fundante de todo vínculo.”*

A sustentação ou permanência do vínculo é feita através da forma como se articulam estas três negatividades – através do *pacto denegativo*. O pacto denegativo no casal é uma aliança para poder negar a negatividade radical e ligar as negatividades de obrigação. Existem duas polaridades no pacto denegativo:

A **organizadora** do vínculo, negando a negatividade radical que é a impossibilidade do vínculo e a **defensiva**- que pode seguir diferentes formas de repressão, desmentida ou rechaço.

Cada conjunto particular organiza-se positivamente sobre investimentos mútuos, sobre identificações comuns, sobre uma comunidade de ideais e de crenças, sobre um contrato narcísico, sobre modalidades toleráveis de realizações de desejos. Mas cada conjunto organiza-se também negativamente sobre uma comunidade de renúncias e de sacrifícios, sobre extinções, rejeições e recalcamientos. O pacto denegativo contribui para esta dupla organização.

Como explica Suzana Matus e colaboradores:

*“O pacto denegativo é aquilo que nega o incompartilhável do vínculo para permitir assim a combinação dos aspectos compartilháveis dos membros do casal. Estes aspectos são os que entram em jogo na constituição do acordo inconsciente e que se articulam também com o contrato narcisista”.*

Segundo René Kaës em “O Grupo e o Sujeito do Grupo” (1997), a noção de contrato narcisista foi introduzida por P. Aulagnier para acrescentar que o indivíduo vem ao mundo da sociedade e à sucessão das gerações, sendo portador da missão de assegurar a continuidade da geração e de todo conjunto social. Ele é portador de um lugar em um conjunto e para assegurar essa continuidade, o conjunto deve, por sua vez, investir narcisicamente esse elemento novo. Esse contrato designa a cada um, certo lugar que lhe é oferecido pelo grupo, e que lhe é significado pelo conjunto das vozes que, antes de cada sujeito, manteve um certo

discurso, conforme ao mito fundador do grupo. O discurso inclui os ideais e os valores, ele transmite a cultura e a palavra de certeza do conjunto social. Cada sujeito deve, de certa maneira, retomar esse discurso por sua conta. Por ele, o sujeito fica ligado ao “Ancestral fundador”. A função identificante do contrato narcisista é assim posta em evidência. Portanto, como coloca P. Aulagnier em “A violência da interpretação” (1975):

*“O contrato narcisista tem como signatários a criança e o grupo. O investimento da criança pelo grupo antecipa o investimento do grupo pela criança. Vimos que, desde sua vinda ao mundo, o grupo investe o infans enquanto voz futura, da qual será solicitada repetir os enunciados de uma voz morta e garantir assim a permanência qualitativa e quantitativa de um corpo que se auto-regenera de maneira contínua”.*

As noções de contrato, pacto e lei estão no cerne da intersubjetividade e se impõem como fiadores da ordem social, estruturando as relações de desejos e proibições entre sujeitos. Assim, também estarão presentes como estruturantes dos vínculos do casal, proporcionando-lhes, assim se almeja, satisfação. Finalmente, do trabalho psicanalítico de casal, espera-se o reconhecimento e aceitação do diferente e do alheio no outro para a possibilidade de construção de um terceiro espaço – o espaço de intersecção das subjetividades, fundado em novas e significativas marcas representacionais.

### **Sobre a clínica**

Procuraram atendimento indicados por uma amiga do casal, cuja filha fazia psicoterapia na mesma. A iniciativa para tratamento vincular foi de Ana, cabendo a ela marcar a consulta. Estão casados há nove anos. Mauro tem trinta anos e trabalha como despachante em escritório próprio. Ana, com vinte e seis anos, trabalha numa floricultura, propriedade do casal. Residem numa casa, com seus dois filhos: Maria, com dez anos, filha de um relacionamento anterior de Ana e João, com três anos. Mauro e Ana moravam no mesmo bairro e faziam parte de uma turma de amigos. Ana teve um namoro com um colega de escola com o qual teve uma filha. A família deste rapaz nunca assumiu totalmente a menina. O pai lhe deu o nome e só nos primeiros meses pagava pensão. A única pessoa que uma vez por ano (aniversário ou Natal) visita a menina é a avó paterna. Ana expressa muita hostilidade em relação à família do pai de sua filha e, em especial, ao próprio. Quando Ana iniciou o namoro com Mauro, já havia rompido os vínculos com o ex-namorado. Passou a gravidez sem o apoio do pai da menina e tampouco da família do mesmo. Sua mãe, á princípio, não aceitou. O pai, ao contrário, sempre esteve junto com ela, dando-lhe muito carinho. A menina contava então com seis meses de idade, quando Ana e Mauro começaram a namorar. Depois de quatro meses de namoro, Ana teve um violento desentendimento com a mãe. Saiu da casa dos pais e foi com a filha morar na casa dos pais do namorado.

Ana- *“Foi tudo muito rápido. Pouco tempo depois eu fui morar na casa do Mauro.”* Mauro- *“É que ela teve uma briga muito feia com a mãe dela.”* Ana- *“Eu tive uma briga horrível com a minha mãe. Ela chegou em casa e eu estava dando comida para a Maria, que não queria comer e eu estava estressada por causa disso e a mãe se meteu, dizendo que eu estava agindo mal. E começamos a discutir e a nos agredir, até fisicamente. Aí, eu resolvi sair de casa e fui morar com o Mauro.”*

Conta que foi muito bem aceita pelos pais do namorado, assim como sua filha:

Ana- *“A minha sogra adorava a Maria. A irmã do Mauro reclamava, dizendo que eu me aproveitava disso, deixando-a cuidar da minha filha. Mas a gente fazia uma troca: como ela adorava brincar com a Maria, eu deixava, e em troca, eu lavava a louça para ela e coisas assim.”*

Após um ano, mudaram-se para um apartamento. Aos poucos, Mauro foi ampliando seu escritório e conseguiram comprar uma casa, onde residem até hoje. Pouco depois compraram uma loja, onde montaram uma floricultura onde Ana trabalhava. Mauro é o segundo filho de uma família de três irmãos, sendo duas mulheres e um homem. O pai, policial aposentado e a mãe, dona de casa. Conta que gostaria de ter seguido a profissão do pai. Não gostava muito de estudar. Começou a trabalhar como despachante. Como foi tendo um bom retorno financeiro, abandonou a idéia inicial. Segundo ele, o relacionamento entre seus pais é bom. Diz que quem “manda na casa” é o pai. Ele gostava de mudar de residência, o que aconteceu diversas vezes. Teve um episódio depressivo quando se aposentou. Fez tratamento psiquiátrico e manteve até hoje a medicação antidepressiva. Atualmente está bem. Ana é filha do primeiro casamento de sua mãe. Seu pai faleceu em um acidente de trabalho, quando ela tinha um ano de idade. Trabalhava com instalações elétricas. Pouco se sabe a respeito de seu pai. Segundo ela: *“A mãe não gosta de falar sobre isso.”* Conheceu a verdade sobre sua origem biológica quando tinha cinco anos. Quem lhe contou foi sua mãe; o padrasto não estava presente. Ficou muito revoltada com este fato e especialmente com o padrasto. Depois estes sentimentos foram diminuindo e ela aceitou bem. Possui um irmão de quatorze anos, filho do segundo casamento da mãe. Segundo Ana, a voz ativa da casa sempre foi da mãe. O pai (padrasto) geralmente concordava e ainda concorda com ela. A mãe tem muita semelhança física com Ana. Segundo ela e Mauro, sua mãe mais parece sua irmã. Atualmente está com quarenta anos. O relacionamento entre ambas sempre foi tumultuado. A mãe não foi carinhosa. O pai (padrasto), ao contrário, sempre foi afetivo e carinhoso. Ela cursou faculdade de ciências contábeis depois de casada e, segundo Ana, considera-se melhor que o marido, que é representante comercial. A mãe fez tratamento psicoterápico durante dois anos pois esteve muito ansiosa durante um período de sua vida. A avó materna de Ana mora em uma casa, no mesmo terreno de sua mãe. Na verdade o terreno é propriedade de sua avó. E esta última costuma interferir na vida dos pais de Ana. O dia-a-dia de Mauro e Ana, no início do tratamento era o seguinte: saíam de casa juntos para trabalharem; ele a deixava na floricultura e depois a buscava. As crianças ficavam aos cuidados de uma vizinha, que era paga para isso. À noite, atendiam as crianças e geralmente Ana ia dormir antes de Mauro, por sentir-se sempre mais cansada do que ele. Este preferia dormir mais tarde. O relacionamento sexual era muito raro. Mais por falta de desejo dela do que dele. Como ilustra a seguinte parte de uma sessão:

Ana- *“O nosso relacionamento sexual é raro, nós transamos muito pouco, umas duas vezes por mês.”* Mauro- *“Ela está sempre cansada !”* Ana- *“É que a gente trabalha o dia todo. De noite eu atendo as crianças e fico muito cansada. Lá pelas onze horas eu só quero dormir. E eu não sou do tipo de transar todo dia. Mesmo no começo eu era assim. Eu fico muito dolorida depois do relacionamento.”* Mauro- *“Eu gostaria que fosse diferente. Eu tenho tesão por ela, eu acho ela linda, todo corpo dela (fez um gesto com as mãos com se contornasse o corpo da mulher). Pó, sou um homem moço ainda, trinta anos, gostaria de sair mais com ela, de transar mais vezes mas ela está sempre cansada...”* Ana- *“Tem outra coisa, o nosso relógio biológico é diferente. Eu gosto de dormir cedo de noite; de manhã estou bem. E ele dorme bem tarde e gosta de dormir mais pela manhã.”*

Aos sábados, faziam churrasco na casa dos pais de Mauro e às terças-feiras ele jogava futebol com amigos e depois tomava cerveja com eles. Ana queixava-se muito do excesso de cerveja

nos hábitos do marido. Mauro não tem um bom relacionamento com a sogra. Por causa do seu jeito independente, pensa (segundo Ana) que pode ser uma má influência para a mulher. Às sextas, costumavam sair com amigos ou sozinhos. Procuraram tratamento por causa das frequentes brigas. Ele reclamando que gostaria de transar mais seguido com ela e demonstrando muitos ciúmes, até mesmo das amigas dela. Ela, queixando-se que ele bebe muito nos finais de semana e nas terças e que fica “chato, dizendo piadinhas o que desestimula ainda mais para o sexo”. Qualquer coisa era motivo para brigas. Pediram ajuda também para encontrar a melhor forma de dizer para Maria que Mauro não é seu pai biológico. Ana disse que tinha muito medo que acontecesse com a filha o mesmo que ocorrera consigo.

### **Sobre o mito fundante do casal**

Este casal iniciou este vínculo calcado em um mito, com um acordo inconsciente de um segredo que não poderia ser revelado, ou fazendo de conta que não existia. A fantasia era de que este segredo revelado ocasionaria fissuras no contrato narcisista do casal, afastando-o do seu lugar de ego ideal; a família cuja origem era perfeita. Fica evidente o pacto denegativo, que exclui todo sentimento ambivalente em relação à origem verdadeira de *Maria*. Assim, esta verdade não correspondendo aos ideais narcísicos, torna-se ameaçadora ao vínculo. Em uma sessão, quando falavam sobre suas brigas e depois pediram ajuda para contar à filha sobre seu pai biológico, eu perguntei se esta preocupação poderia estar contribuindo para os seus desentendimentos:

Mauro- *“Não, de forma nenhuma! Eu adoro a Maria como se fosse minha filha. Até hoje eu lembro da primeira vez que a vi. Eu estava no início do namoro com a Ana. Ela me levou no quarto da menina. Era um bebê lindo e me presenteou com um sorriso. Nunca mais esqueci.”*

Em uma outra sessão, ao falarem sobre a aceitação de Maria pelos pais de Mauro novamente fica evidenciado o pacto denegativo:

Ana – *“A Maria é a neta preferida dos pais do Mauro. Eles são espíritas. O pai dele disse uma vez que a Maria seria a mãe dele. Como se a avó do Mauro tivesse reencarnado na Maria.”*

Sem entrar em questões de crenças religiosas, a intenção desta suposição deixa transparecer que existe um acordo em família que de alguma maneira, nesta ou em “outras vidas” a Maria teria um vínculo consanguíneo com a família de Mauro. Novamente o pacto denegativo tentando dar conta da ferida narcísica ocasionada pelo fato de Maria não ser filha biológica de Mauro. Eu tinha a impressão de que a verdade a respeito da origem da menina não podia ser falada, ficando totalmente negada, num pacto comum entre todos. Algo semelhante também acontecera na vida de Ana. Na sua história também houve um segredo, que lhe trouxe muito sofrimento aos cinco anos de idade. Esta ferida narcísica também estava sendo repetida, só que não podia ser falada. O lugar da verdade era ocupado por um mito. Este certamente era o caráter defensivo deste mito. Só que estavam presos a ele e impossibilitados de conectar-se com a verdade e com a possibilidade de elaborar o luto fundamental que é a separação da família de origem. O próprio início da vida em comum do casal foi causado por uma violenta briga entre Ana e a mãe, a respeito da maneira como a primeira tratava sua filha. Presos num mito de origem ideal, não havia espaço para a criação de algo novo entre este casal. A forma da escolha do casal ficou negativa; ela escolheu a família dele e não ele como homem, o que apareceu nas queixas sexuais de Mauro por não ter uma mulher disponível para ele. Todas as coisas que os afastavam de um estabelecido padrão

idealizado não poderiam ser reconhecidas e faladas. Ocupavam um espaço circundante da desmentida, do silêncio. E o que não pode ser falado, é revelado na ação, nos desentendimentos, nos desencontros:

Ana- *“O nosso relógio biológico é diferente. Eu gosto de dormir cedo de noite; de manhã estou bem. Ele dorme bem tarde e gosta de dormir mais pela manhã.”*

Com a evolução do processo terapêutico, o casal aos poucos começou a entrar em contato com essas questões de sua própria constituição vincular, seus acordos inconscientes, encobridores de uma verdade que os ameaçava, dando lugar a novas ressignificações. O predomínio de um funcionamento em nível imaginário evolui para uma maior subjetivação em nível simbólico:

Mauro- *“A nossa família é perfeita, temos um casal de filhos lindos e até um cachorro! Parece aquelas famílias de filmes americanos.”*

Eu- *“Perfeita como a dos filmes americanos?”*

Ana- *“É... A gente imagina que sejam perfeitas, mas na verdade, nada é perfeito”*

Mauro- *“Sempre falta alguma coisa.”*

À medida que conseguiram se separar das suas famílias de origem e ampliar o espaço do casal, entrando em contato com os elementos rechaçados que não coincidiam com o que considerava ideal, as brigas foram diminuindo. Têm ido com muito menos frequência aos churrascos de sábado na casa dos pais de Mauro. Fizeram uma reforma na casa. Ampliaram o espaço de lazer, onde está a churrasqueira. Fizeram mudanças no quarto do casal e terminaram o jardim. O tratamento está legitimando uma escolha vincular, pois o início deste vínculo se deu por uma contingência: a briga violenta entre Ana e sua mãe. Agora existe um espaço (o campo terapêutico), que foi escolhido por eles para tratarem do seu relacionamento como casal. Esta foi uma escolha de ambos e não uma contingência. Como conseqüência, sentiram-se mais fortalecidos, possibilitando que falassem para a menina sobre a verdade de sua origem. Assim, nas férias de verão Mauro e Ana, juntos, contam para Maria a respeito de seu pai biológico. Escolheram esta época pois poderiam passar o dia todo juntos, sem interrupções de compromissos, por considerarem um momento muito importante para todos. E para tentar não repetir o que aconteceu com Ana, toda sua revolta, quando soube pela mãe, a sua verdadeira história. A princípio a menina aceitou e não falou mais a respeito. Entretanto, conseguem se dar conta de que com a adolescência, que está próxima, este assunto pode voltar.

Houve dois fatos novos depois disto, que entendo diretamente relacionados à revelação deste segredo: a venda da floricultura e a decisão de Ana de que a avó paterna de Maria a visite na sua (de Ana) própria casa, pois antes as visitas eram feitas na casa da mãe de Ana. Interpretei como a possibilidade de assumir a origem verdadeira desta filha, com tudo o que possa acarretar e o desejo de aproximar-se mais desta verdade. O seguinte fragmento de sessão pode exemplificar este pensamento:

Ana- *“Até o fim do ano eu não pretendo trabalhar ou estudar. Quero ficar mais perto das crianças. Até resolvi que a avó da Maria, se quiser visitá-la, vai ter que vir na nossa casa.”*

Outra observação que considero muito significativa no comportamento deste casal foi a mudança no “ritmo” das sessões. No início eram mais “paradas”. A medida da evolução do processo terapêutico isto foi modificando, ocorrendo brigas. Não faltaram às sessões e raras vezes se atrasaram. Estes fatos reforçaram a idéia de que provavelmente a escolha de homem ou mulher está sendo feita no processo terapêutico. O relacionamento sexual modificou. Está mais freqüente e satisfatório. Ana está vestindo-se com mais cuidado e usando maquiagem. Não falou mais em dores depois da relação. Ganhou de presente de Mauro uma correntinha com dois bonequinhos de ouro: um menino e uma menina. Mais ou menos na mesma época, Ana, que há um tempo atrás implicava com o cachorro de Mauro, resolve comprar uma cadela da mesma raça para fazer companhia para o cachorro do marido;

pretende voltar a estudar. Comentam que este fato novo poderá causar modificações na estrutura familiar e demonstram algum receio, embora Mauro aceite e estimule a mulher a realizar estes seus desejos. Mauro está se cuidando mais, colocou aparelho ortodôntico e está pensando em parar de fumar. Estão com vontade de comprar o terreno ao lado de sua casa para poder ampliar o espaço de lazer (de prazer).

### **Considerações finais**

Como podemos articular a repetição da história da mãe da história da filha, considerando a trama interfantasmática e os acordos inconscientes formadores da plataforma inconsciente deste casal ? Sem dúvida, a questão da compulsão à repetição de uma geração para outra, é um fato evidente. A idade em que a mãe engravidou é mais ou menos a mesma em que a filha também engravidou; a escolha dos novos companheiros parece gerada por sentimentos de enamoramento; o silêncio a respeito dos primeiros, o segredo da paternidade das filhas (e ambas geraram meninas)- são questões que fazem pensar na importância da questão da transmissão intergeracional, de circuitos que vão permanecer ligados ou desligados de uma geração para outra. Parecem encaixes de um sobre o outro como no fenômeno da telescopagem. Quanto mais ligados no ideal da família de origem, menos espaço para a construção de um vínculo novo, de se escolherem como homem e como mulher: ela escolheu viver com a família dele e ele, por sua vez, “oferecendo” a filha dela, para seu próprio pai (“Maria seria a reencarnação da avó paterna”).

De qualquer forma, o campo terapêutico constitui-se num espaço novo onde certos acordos inconscientes, que não estavam dando conta do ideal do casal, estão podendo ser tratados na sua complexidade, na evolução do processo terapêutico que o casal está conseguindo dar-se conta de que seus sintomas estão à serviço da busca de algo inalcançável. O próprio lugar e tempo analíticos parecem legitimar o vínculo de casal contribuindo para elaboração de alguns lutos. E, à medida em que se tornam mais independentes de uma demanda narcísica e idealista, novos acordos entram em cena, não como mera representação imaginária, mas ampliando o campo da subjetividade e promovendo mais satisfação para o casal.

**Agradeço** aos professores do curso de vincularidade por toda orientação, estímulo e valorização recebidos durante este período de estudos. Um agradecimento especial à minha supervisora, Ângela Piva, com a qual estabeleci um vínculo de confiança e proximidade, fundamentais para a minha integração e meu sentimento de pertencer a essa Instituição.

### **Referências bibliográficas**

- AULAGNIER, P. – *A Violência da Interpretação* – Do Pictograma ao Enunciado. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- AULAGNIER, P. – *Corpo e História* – IV Encontro Psicanalítico D’Aix-EnProvence – 1985.
- APERTURAS PSICOANALÍTICAS – Hacia Modelos Integradores – *Revista de psicoanálises* – Julio 2002 – N. 11.

BERENSTEIN, I e PUGET, J – *Lo Vincular* – Clínica y Técnica Psicoanalítica. Buenos Aires, Paidós, 1997.

BLEICHMAR & BLEICHMAR – *A Psicoanálise depois de Freud* – Teoria e Clínica. Artes Médicas, Porto Alegre, 1992.

BLEICHMAR, HUGO B. - *Depressão* – Um Estudo Psicoanalítico – Artes Médicas, Porto Alegre, 1983.

CORREA, OLGA B. RUIZ (org) – *Os Avatares da Transmissão Psíquica Geracional* – São Paulo, Ed. Escuta, 2000.

ESCUCHA E INTERVENCIÓN EM PSICOANÁLISES DE LOS VÍNCULOS – *Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo* – Buenos Aires, abril de 1997.

GRAÑA, ROBERTO B. e PIVA, ANGELA B. S. (organizadores) – *A Atualidade da Psicanálise de Crianças* – Casa do Psicólogo, 2001.

GREEN, ANDRÉ – *El Trabajo de lo Negativo* – Amorrortu editores – Buenos Aires, 1993.

PUGET, J. e BERENSTEIN, I – *Psicanálise do Casal* – Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.

PUGET, J. (compiladora) – *Psicoanálisis de Pareja – Del amor y sus bordes* – Paidós Psicología Profunda, Buenos Aires, 1997.

PUGET, J. (compiladora)- *La pareja y sus anudamientos – erotismo-pasión-poder-trauma* – Lugar Editorial S.A. , Buenos Aires, 2001.

PUGET, J. (compilación y prólogo) – *La Pareja – Encuentros, desencuentros, reencuentros* – Paidós Psicología Profunda, Argentina, 1999.

FAMÍLIA E INCONSCIENTE – Paidós Psicología Profunda, 1991.

KAËS, RENÉ – *O Grupo e o Sujeito do Grupo* – Elementos para uma teoria psicanalítica do grupo – Casa do Psicólogo, São Paulo, 1997.

TRANSMISSÃO DA VIDA PSÍQUICA ENTRE GERAÇÕES – Casa do Psicólogo, São Paulo, 2001.

LACAN, JACQUES – *Os complexos Familiares* – Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.

PRADO, MARIA DO CARMO CINTRA DE ALMEIDA – *Destino e Mito Familiar*, Vetor, São Paulo, 1999.

Endereço do autor: [helenagrinblat@terra.com.br](mailto:helenagrinblat@terra.com.br)